

# **O tratamento otimalista de um padrão variável de hipocorização: a cópia dos segmentos à esquerda**

Hayla Thami da Silva

## **Introdução**

Neste artigo, analiso o fenômeno da Hipocorização, processo não-concatenativo do português brasileiro que pressupõe a redução de nomes próprios. Há quatro tipos de hipocorísticos descritos por Gonçalves (2004). Detenho-me, neste trabalho, na análise do padrão que rastreia a primeira sílaba com **onset** do antropônimo, que, por sua vez, pode ou não ser reduplicada, a exemplo do que ocorre com ‘Eduardo’ – ‘Dudú’ ou ‘Dú’.

Quanto ao suporte teórico, utilizo a Teoria da Otimalidade, mais precisamente um de seus desdobramentos recentes – a Correspondência – que focaliza, sobretudo, a interface Fonologia-Morfologia. Essa teoria baseia-se em uma hierarquia de restrições que tem como objetivo final a escolha de um (ou mais) output(s) ótimo(s).

A hipótese geral do trabalho fundamenta-se no fato de que o padrão analisado é suscetível à escolha de duas formas ótimas selecionadas a partir da plena satisfação a todas as restrições da hierarquia, organizada na seguinte ordem: tamanho, acento, sílaba, alinhamento e, por fim, identidade base-reduplicante.

O texto a seguir estrutura-se da seguinte maneira: na primeira seção, explico em que consiste o fenômeno da hipocorização, com

ênfase no padrão que copia a margem esquerda da palavra prosódica. Na segunda, analiso o processo abordado segundo a Morfologia Prosódica. Utilizo esse modelo com o propósito de descrever e, sobretudo, formalizar o padrão de hipocorização analisado. Na seção posterior, proponho uma análise otimalista para o fenômeno, descrevo quais as restrições que atuam no processo estudado e mostro, através de exemplos, como essas restrições agem no padrão apresentado. Por fim, resumo as principais conclusões acerca do fenômeno abordado.

## **Hipocorização**

A Hipocorização, processo não-concatenativo de formação de palavras, apresenta quatro padrões, descritos por Gonçalves (2004). O primeiro, estudado anteriormente por Gonçalves (2004), consiste na cópia dos segmentos melódicos à direita da palavra prosódica, como em ‘Francisco’ – ‘Chico’. O segundo, analisado por Silva (2004), copia os segmentos à esquerda da palavra prosódica, a exemplo do que ocorre em ‘Cristina’ – ‘Cris’. O terceiro, abordado por Lima (em preparação) reduplica a sílaba tônica do antropônimo, como em ‘Barnabé’ – ‘Bebé’. O último padrão, que é o objeto de estudo deste trabalho, copia a primeira sílaba com onset do antropônimo, sendo esta passível ou não de reduplicação, como ocorre nos seguintes exemplos:

- (01) ‘Fernanda’ – ‘Fefê’ ou ‘Fê’;  
    ‘Luciana’ – ‘Lulú’ ou ‘Lú’;  
    ‘Eduardo’ – ‘Dudú’ ou ‘Dú’;  
    ‘Tereza’ – ‘Tetê’ ou ‘Tê’;  
    ‘Pedro’ – ‘Pepê’ ou ‘Pê’;  
    ‘Juliana’ – ‘Jujú’ ou ‘Jú’;  
    ‘Gustavo’ – ‘Gugú’ ou ‘Gú’;  
    ‘Fátima’ – ‘Fafá’ ou ‘Fá’.

O padrão exemplificado em (01) estrutura-se por sílaba (ou sílabas) do tipo CV – a posição de ataque silábico ou **onset** é sempre preenchida, bem como a de núcleo. A posição de coda não é preenchida nesse padrão de hipocorístico, o que acarreta, por sua vez, apenas a presença de sílabas abertas.

Percebe-se, portanto, que o hipocorístico é composto por apenas um pé e, dessa forma, constitui palavra mínima na língua. Deve-se destacar, contudo, que o hipocorístico não é considerado uma nova palavra, mas sim uma forma afetiva, comparável à linguagem infantil, de designar nomes próprios a partir da redução dos mesmos.

### **Hipocorização – uma abordagem morfoprosódica**

Com base na Morfologia Prosódica, modelo derivacional que trabalha com a noção de circunscrição e molde, (a) descrevo o fenômeno em questão, (b) formalizo o processo e (c) apresento as

condições estruturais relevantes para haver ou não formas reduplicadas. A Morfologia Prosódica será utilizada, portanto, como pano de fundo para a descrição desse padrão de Hipocorização com base nos instrumentos da Teoria da Otimidade (doravante OT).

No processo de Hipocorização analisado, a circunscrição prosódica atua da seguinte forma: primeiro, o antropônimo (**input**) é utilizado como base para a formação do molde que, após passar pelo filtro constituído pelas condições de boa formação silábica, originará o hipocorístico (**output**); posteriormente, o output poderá ou não ser acrescido de um reduplicante e, portanto, há possibilidade de se criarem duas formas de hipocorização: uma a partir do molde e outra por este e um reduplicante, como Carlos, que pode ser hipocorizado como Cacá ou Cá.

Neste tipo de Hipocorização, a circunscrição prosódica, que atua da esquerda para a direita, é positiva, visto que o material levado para o molde é, de fato, utilizado na composição da base. A base, por sua vez, estrutura-se a partir de uma sílaba do tipo CV e esta pode ser acrescida de um reduplicante do tipo prefixo, cuja estrutura também será CV. No entanto, deve-se expor que não é aceitável reduplicação quando a base é formada por uma sílaba do tipo /r/ + V. Esse fato, observado nos dados levantados a partir de testes<sup>1</sup>, em que o falante

---

<sup>1</sup> Os testes foram produzidos com a finalidade de verificar em que contextos lingüísticos o hipocorístico estudado, neste trabalho, é utilizado. Além disso, os testes também avaliavam se havia preferência por parte do falante em usar formas simples, como, por exemplo, ‘Cá’ ou formas reduplicadas, como ‘Cacá’ (hipocorísticos de ‘Carlos’). Quanto ao formato, o teste era composto por três partes. Nas partes um e dois, o informante deveria optar

deveria optar pelo uso de formas reduplicadas ou simples, confirma que, na estrutura subjacente do Português Brasileiro, não existem dois fonemas, ao contrário, há o r-fraco (tepe) que, em determinados contextos, devido a uma regra fonológica (/ r / → [R]), converte-se em r-forte (Cf. LOPEZ, 1979).

Essa proposta de análise para a vibrante pode ser comparada pelo fato de não existir nenhuma palavra em português em que haja a ocorrência de dois “erres” fortes na posição de onset; logo, estruturas como \*Rerê são consideradas agramaticais. Além disso, em termos derivacionais, haveria um custo muito alto para que uma palavra possuísse a estrutura /r/V + /r/V, já que a presença de dois “erres” fortes desencadearia duas regras fonológicas que focalizam o mesmo tipo de estrutura. Dessa forma, não estaria licenciada a contigüidade de r-forte + r-forte, daí a não possibilidade de haver formas como ‘Raquel’ – \*Rará.

Cabe destacar, ainda, que o filtro, regulador do material que será levado para o molde, é composto por duas condições de boa-formação silábica. A primeira determina que todas as sílabas devem ter preenchida a posição de ataque silábico

---

pelo uso de formas simples ou reduplicadas, de acordo com contexto proposto em cada questão. Na terceira parte, havia as duas formas de hipocorísticos possíveis para os antropônimos apresentados e o informante deveria escolher o uso de uma das formas ou, ainda, das duas formas. Foi aplicado um total de vinte testes, sendo dez informantes do sexo masculino e dez do sexo feminino. Com relação à faixa etária, os informantes poderiam ter no mínimo sete anos e, quanto ao grau de escolaridade, variava entre alunos dos ensinos fundamental e médio, universitários e profissionais com curso de terceiro grau completo.

(**onset**) e a segunda propõe que só haja sílabas abertas; logo, não se deve preencher a posição de coda.

### **Hipocorização – abordagem Otimalista**

A Teoria da Otimalidade (doravante OT) é um modelo paralelista que trabalha com a avaliação de formas a partir de uma hierarquização de restrições. Essa hierarquização tem como objetivo central checar possíveis candidatos a output. Para se atingir a forma ótima, conforme prevê a teoria, faz-se uso de uma gramática que se estrutura a partir de cinco componentes: (a) léxico, (b) **input**, (c) gerador (GER), (d) avaliador (AVAL) e, por fim, (e) o output. Tendo em vista o processo de Hipocorização, o léxico equivaleria a antropônimos, como, ‘Fernanda’, já que corresponde ao conjunto de elementos lingüísticos que possibilitam a formação do input. Após determinada a forma subjacente, o gerador, parte da gramática da OT, cria candidatos a output, mas, como se sabe, esses candidatos devem possuir similaridades em relação à forma de input. Assim, para o antropônimo ‘Fernanda’, geram-se formas como ‘Fê’, ‘Fefê’, ‘Fer’, ‘Ferna’. Os candidatos, então, passam pela fase de avaliação, levada a cabo por AVAL, outro componente da gramática, segundo a OT, que, por sua vez, compõe-se de um conjunto de restrições universais. No caso do processo abordado, algumas restrições ativas na hierarquia são ANALISE-□TODO-PÉ(D), ONSET. Finalmente, após avaliadas as formas, tem-se o output ótimo, realização pelos

falantes, que, de acordo com o exemplo dado, seria ‘Fê’ ou Fefê’ . Vale destacar que a forma ótima pode infringir restrições, desde que a infração seja necessária para que uma outra restrição melhor hierarquizada seja satisfeita.

Em um de seus modelos, Teoria da Correspondência, a OT busca focalizar a interface Fonologia-Morfologia e, portanto, tendo em vista o fenômeno em questão, será utilizada essa vertente advinda da Otimalidade Clássica. A seguir, mostrarei quais as restrições ativas no processo de Hipocorização abordado neste artigo e a forma como estão hierarquizadas.

As primeiras restrições são de tamanho – ANALISE-□e TODO-PÉ(D), dado que os hipocorísticos são considerados palavras mínimas na língua (GONÇALVES, 2004). A primeira exige que todas as sílabas devem ser integradas a pés; logo, a categoria mais baixa (sílabas) deve estar alinhada à categoria prosódica superior, no caso, o pé. A segunda requer que todo pé esteja à direita da palavra prosódica e, dessa forma, só podem ser formadas estruturas em que haja apenas um pé silábico. Essas duas restrições não estão hierarquizadas, pois atuam em conjunto. Assim, não há uma relação de dominância entre ambas, mas sim uma relação de complementariedade.

A restrição acentual ativa na hierarquia refere-se à posição da cabeça (sílabas proeminentes) no pé. No processo abordado, o acento recai sempre à direita da palavra prosódica. Dessa maneira, a sílaba acentuada sempre será a última. Essa restrição denomina-se IAMBO.





A(esq) >> ALINH R(esq), B(esq) >> RED=CV >> RED=BASE >>  
\*[[r□<sub>1</sub> = [r□□]Pw].

Cabe ressaltar, também, que a hierarquização das restrições se dá a partir da observação dos dados recolhidos através de testes. Dessa maneira, o primordial para que se tenha uma forma hipocorística é o tamanho, já que a Hipocorização é um processo que pressupõe a redução de nomes próprios e, portanto, formas que não sofram nenhuma perda segmental não são consideradas hipocorísticas (GONÇALVES, 2004). Desse modo, as restrições mais altas da hierarquia são ANALISE-□□ TODO-PÉ(D). A questão acentual é de suma importância no processo analisado, dado que todas as formas hipocorísticas apresentadas pelos falantes nos testes são iâmbicas e, portanto, a restrição que se refere ao acento - IAMBO – também está no topo da hierarquia.

Quanto ao padrão silábico, a estrutura mais recorrente nos testes é CV. CV; logo, as sílabas devem ter **onset** simples e não ter coda. Sendo assim, as restrições de sílaba, ONSET, \*COMPLEX e NÃO-CODA também são bem cotadas na hierarquia.

No que diz respeito ao alinhamento, como o padrão de Hipocorização abordado neste artigo copia os segmentos melódicos à esquerda do antropônimo, deve haver uma equivalência entre as margens esquerdas do antropônimo e do hipocorístico e, também, do reduplicante com a base. Com isso, observa-se a relevância das restrições de alinhamento, ALINH H(esq), A(esq), ALINH R(esq),

B(esq), na formação da hierarquia utilizada para analisar o processo abordado.

Com relação à identidade, conforme observado nos testes, a base é sempre a primeira sílaba com onset e sempre do tipo CV. Dessa maneira, as restrições RED=CV e RED=BASE também devem compor a hierarquia.

Por fim, o “erre” – forte contíguo é bloqueado em posição de onset, conforme verificado através dos testes. Logo, tem-se a necessidade de uso da restrição  $*[[r\_\square_1 = [r\_\square\_\square]Pw]$  para impedir a escolha de formas como “Rerê” (de Regina) e ‘Riri’ (de Ricardo), já que todos os antropônimos iniciados em um “erre” forte não admitem a forma reduplicada.

### **Considerações finais**

Como se pode perceber, o fenômeno analisado neste trabalho caracteriza-se por constituir palavra mínima (Gonçalves, 2004), o hipocorístico é, pois, a menor forma derivada da língua e, por esse motivo, as restrições mais altas na hierarquia proposta são as de tamanho, válida para todos os padrões analisados (GONÇALVES, 2004; LIMA, 2004; SILVA, 2004).

Além disso, vale ressaltar que a proposição de uma análise otimalista foi feita, visto que a Morfologia Prosódica, embora consiga, satisfatoriamente, dar conta do processo analisado, implica em um custo muito elevado, já que se pauta em vários ciclos

derivacionais e níveis intermediários de análise (abordagem serialista), enquanto a OT (abordagem paralelista) generaliza os extratos derivacionais em restrições e, por isso, a análise torna-se mais sintética.

Por fim, destaca-se o fato de o processo abordado trazer à tona questões referentes à Fonologia do Português, como é o caso da não possibilidade adjacência de “erres” – fortes em posição de **onset**. Conforme observado anteriormente, não há reduplicação de formas em que haja “erre” – forte em posição de ataque silábico, o que comprova, através da análise dos hipocorísticos, que a Fonologia portuguesa repele essa seqüência e isso se comprova no próprio léxico da língua portuguesa: nenhuma palavra apresenta dois desses segmentos consecutivos.

## Referências Bibliográficas

BENUA, L. Identify effects in morphological truncation. **In:** BECKMAN, J. (ed.). *Papers in Optimality Theory*, 1995. 18 (1), p. 77-136.

BISOL, L. O acento e o pé binário. *Letras de Hoje*, 1992. 12 (1).

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Processos morfológicos não-concatenativos: tipologia e funcionalidade. *ALFA – Revista de Lingüística*. Araraquara, 2004. 42 (1), p. 9-42.

GONÇALVES, Carlos Alexandre, LIMA, Bruno Cavalcanti & SILVA, Hayla Thami da. Hipocorização no português brasileiro: moldes, circunscrições e correspondência em dois padrões de formação. **In.** LEIRIA, Isabel (Org.). *Actas do XX Encontro Anual da APL (Associação Portuguesa de Lingüística): Universidade de Lisboa*, 2005 (no prelo).

LIMA, Bruno Cavalcanti. Processos não concatenativos do português: hipocorização de antropônimos compostos. *Questões de morfossintaxe – Vol. VIII, n.: 14 (VIII Congresso Nacional de Lingüística e Filologia/I Congresso Internacional de Lingüística e Filologia)*, Rio de Janeiro: CiFEFIL, 2004.

McCARTHY, J. & PRINCE, A. *Faithfulness and reduplicative identity*. Rutgers: Rutgers University, 1995.

PRINCE, A & SMOLENSKY, A. *Optimality Theory: constraints and interaction in Generative Grammar*. Boulder: University of Colorado/Rutgers University, 1993.

SILVA, Hayla Thami da. Hipocorização no Português – o padrão de cópia dos segmentos à esquerda, 2004. Questões de morfossintaxe – Vol. VIII, nº.: 14 (VIII Congresso Nacional de Lingüística e Filologia/I Congresso Internacional de Lingüística e Filologia), Rio de Janeiro: CiFEFIL, 2004.